

## **O corpo como objet(iv)o comunicativo e semiótico: as várias facetas do existir e a invasão das mídias na contemporaneidade.**

Déborah Costa MAIA<sup>2</sup>  
Bruna Kelvylla Sousa da SILVA<sup>3</sup>  
Riverson RIOS<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

O presente trabalho surgiu a partir de inquietações sobre o corpo e uma reflexão do *quem sou eu* sob diversas nuances. Esta é uma temática em evidente crescimento, principalmente quando se fala sobre sua exposição nos meios digitais. Além da compreensão sobre o existir e como se dá o entendimento do eu, este artigo também realiza um estudo de caso sobre a forma como o corpo é trabalhado e apresentado nas redes sociais - principalmente as que estão diretamente ligadas a relacionamentos amorosos - também sendo estudada a virtualização do *eu*. Duas redes sociais foram escolhidas para a análise: *Tinder e Instagram*. Preferiu-se trabalhar com elas por se observar que os usuários das mesmas apresentavam uma característica em comum: a necessidade de conquistar o outro através da construção que fazem de si, utilizando-se de enquadramentos e efeitos nas fotos escolhidas para serem expostas em seus perfis. Atrair o olhar do outro para nós é a tarefa que aceitamos quando nos dispomos a nos relacionar ou iniciar relacionamentos através do mundo virtual. Esse processo engloba as particularidades de cada um. Contudo, a construção dos mais diversos perfis e a fórmula escolhida para sua exposição e tentativa de chamar a atenção do público desejado é um tema que merece ser discutido.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação para a cidadania, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará - UFC, email: [brecholiterariorimbaud@gmail.com](mailto:brecholiterariorimbaud@gmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará - UFC, email: [brunakelvylla13@gmail.com](mailto:brunakelvylla13@gmail.com).

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, email: [riverson@ufc.com](mailto:riverson@ufc.com).

---

**Palavras-chave:** corpo; comunicação; exposição; relações humanas; meios digitais.

## 1. INTRODUÇÃO

Quem sou eu? Um dos questionamentos mais pertinentes em nós, *criaturas da razão*, que surge atrelado à outras interrogações: Como posso ser inteiramente/totalmente o que sou? Como externar essa interioridade em um mundo em que, muitas vezes, lembro que não entendo como eu e este surgiram, com tantas subjetividades que trespassam a minha? Nossa lembrança-trajeto, a memória que construímos desde crianças, é chamado por Deleuze de mapa, e o espaço em que vivemos de trajeto.

A criança não para de dizer o que faz ou tenta fazer: explorar os meios, por trajetos dinâmicos, e traçar o mapa correspondente. Os mapas dos trajetos são essenciais à atividade psíquica. (...) Mas um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos: por exemplo a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito dos mercadores, seus animais, como os cavalos atrelados, seus dramas (um cavalo escorrega, um cavalo cai, um cavalo apanha...). O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem. (DELEUZE, pág. 73. 2008).

O existir vem se relacionar a partir da linguagem, possuindo voz na comunicação, no fenômeno da fala, esta que vem também do silêncio. “Acredita Lyotard que o ilegível não se opõe necessariamente à ilusão” (NETTO, p. 113, 2003).

Se eu sou, eu grito: EU SOU! ESTOU AQUI! V-I-V-O e uso meu corpo, isso que SOU, que é também linguagem, para fazer minha existência ser reconhecida e se reconhecer, metáfora do ator e da plateia. Assim, o sentido da vida cria lógica: tudo enquadrado e sistematizado onde o não-sentido deste meu existir torna-se completo de significado, em um cenário onde a humanidade se afasta do diálogo da existência e do existencialismo para se agarrar aos discursos ensaiados das religiões.

No esquecimento da loucura e do caos natural, na substituição de uma alienação

---

e no sentido patológico/manicomial dessa loucura, pouco se comunica, se grita, se sente sobre o medo e essa agonia, assim como as inquietações orgânicas do estar vivo. Contudo, faz-se necessário dizer: TENHO AGONIA, TENHO MEDO. Seriam os tremores experiências puras do medo? Como externar o que se sente? Como comunicar puramente nossos medos? Há uma linguagem semiótica pra isso?

Este trabalho encontra-se dividido em três partes: Introdução, que apresenta o assunto em discussão, norteando o leitor para a abordagem que será realizada a seguir; O segundo ponto, que tem como título a semiótica e a realidade, inicia a fala a respeito das inquietações sobre a construção do eu, trazendo recortes apresentados por estudiosos importantes para a pesquisa em comunicação, bem como em suas diversas ramificações como a semiótica e a influência dos meios digitais. Ele está subdividido em 3 subpontos, debatendo sobre corpo, o não-lugar e as redes de relacionamento; Por último tem-se as considerações finais, que conduzem à uma reflexão sobre as conclusões e não-conclusões que se pôde chegar através da investigação das questões levantadas.

## **2. A SEMIÓTICA E A REALIDADE**

De acordo com Charles Sanders Peirce (apud. NETTO, 2003), importante filósofo, cientista, pedagogo, linguista e matemático americano, a semiótica (ou semiologia) seria o estudo das representações/signos (mínimo discutível) sobre todas as formas e manifestações que assumem, sendo elas linguísticas ou não, com o poder de se converter reciprocamente entre os sistemas de significantes, partes materiais do signo, que integram: é o que se está no lugar de outra coisa. Ex.: a balança que representa a justiça.

Diz J. Teixeira Coelho Netto, comunicador contemporâneo, doutor em letras e curador-coordenador do MASP, em seu livro *Semiótica, Informação e Comunicação*:

Um *signo*, para Peirce, é aquilo que, sob certo aspecto, representa alguma coisa para alguém. Dirigindo-se a essa pessoa, esse primeiro signo criará na mente (ou semiose) dessa pessoa um signo equivalente a si mesmo ou, eventualmente, um signo mais desenvolvido. Este segundo signo criado na mente do receptor recebe a designação de *interpretante* (que não é o intérprete), e a coisa representada é conhecida pela designação de *objeto*. (...) Entre interpretante e signo há relações causais. O signo utilizado é em parte causado pela referência feita e em parte por fatores sociais e psicológicos constatáveis através dos efeitos causados pelo signo sobre a atividade do receptor e de terceiros. (NETTO, p. 56, 2003).

Peirce acreditava que, a princípio, não poderíamos falar de uma realidade da qual não se pudesse conhecer, além de acreditar que existiria uma “interpretação final” que seria a identificação última; plena entre a nossa ideia de um objeto e de sua real condição. Porém, é impossível dar essa existência uma da verdade, do objeto, cuja interpretação fosse inequívoca.

Apelamos aqui para a semiótica selvagem descrita por Netto, que mesmo admitindo que exista uma expressão de verdade e outra de ilusão não se trata de uma distinção entre o que é ou não verdade, mas da admissão de que cada expressão seja formada por um verso e um reverso. Nessa perspectiva não temos como pensar em uma teoria unitária da desconstrução, o que há é a vivência do invidido numa integração de ambiguidades e contradições, de forma a aniquilar a rigidez e se propondo como ferramenta de construção, de multiplicação, de utilização e proveito dos signos.

Dizer dos tremores, citados anteriormente, como experiências puras do medo é, em nossa concepção, verdade. Mas é também de consenso geral que essa seja uma verdade no meio de tantas outras verdades, e que é singular e ávida de paixão como o coração do ser humano. Roland Barthes, em seu livro *Fragments de um Discurso Amoroso*, vem tratar do conceito da compreensão da verdade, do querer compreender, como, de certa perspectiva, inalcançável. Nós, seres racionais da contemporaneidade, que pensamos sobre ter consciência e buscamos compreender a vida estando vivos, não temos o alcance de seu significado se estamos propriamente imersos nele: O alcançamos

em existência, mas não em essência.

## 2.1 FLUTUANDO ENTRE O CORPO E A CONSCIÊNCIA

Para Erving Goffman (2006), cientista social, antropólogo e escritor, o que se transmite e o que se emite são espécies diferentes de atividades, sendo o EU produto de crenças individuais e de arranjos sociais.

Ao analisar o “eu”, então, somos arrastados para longe de seu possuidor, da pessoa que lucrará ou perderá mais em tê-lo, pois ele e seu corpo simplesmente fornecem o cabide no qual algo de uma construção colaborativa será pendurado por algum tempo. E os meios para produzir e manter os “eus” não residem no cabide. Na verdade, frequentemente estes meios estão aferrolhados nos estabelecimentos sociais. (GOFFMAN, p. 231, 2006).

Inúmeros fenômenos e atividades biológicas não vistas a olho nu acontecem simultaneamente a todo momento e em grande escala no corpo de um nível de complexidade infinita cujo acesso consciente é muito baixo. Essa complexidade faz com que as ações tomem caminhos imprevisíveis: não apenas um homem que controla um corpo, mas uma série de partes do corpo que controlam um homem. O controle do processo cognitivo por parte de quem o detém é muito questionável.

Para Constantin Stanislavski (1863-1983), ator, escritor e pedagogo russo, citado por Christine Greiner em sua obra *Leituras do Corpo* (2003), o inconsciente é inacessível e quem se encarrega de acessá-lo e comandá-lo não somos nós, mas a própria natureza. Para o pesquisador Shigehisa Kuriyama, também mencionado por Greiner (2003), se não houver fluxo de informação o corpo adoece, faz estancar os processos de comunicação dentro e fora dele. Em um fluxo metamorfósico, o corpo como processo nunca está pronto/inacabado e funciona em um movimento de mão dupla com o ambiente em que ocupa: o inundar de pele e subjetividades.

A pele é a fronteira física que separa o corpo da dimensão espacial do entorno. A roupa e a semântica do universo pessoal, o que engloba o vocabulário de imagens e

---

signos são extensões da pele. Camada por camada até chegar no externo, nas paisagens, nos espaços físicos, daí se cria a relação entre o corpo e a cidade.

Merleau-Ponty (1908-1961) criou uma imagem de corpo que se tornou referência quando se pensa na relação corpo-cidade mesmo no contexto atual. Ele procura definir o que é o corpo que habita um sistema ambiental urbano, um corpo físico, e o que este corpo é capaz de realizar, enquanto concentração de ações conscientes. Em *Estrutura do Comportamento*, Merleau-Ponty configura a concepção de comportamento como ato de consciência perceptiva. Para Merleau-Ponty, o corpo físico é a dimensão intermediária na qual o interno e o externo, entre o ato puro de consciência e a operação estrutural do corpo se sintonizam. (GREINER, p. 148, 2003).

Ou seja, o corpo seria uma dimensão de harmonia entre a consciência pura do que eu sou e sinto e a “carcaça” fisiológica que ele é por natureza. O sistema dos sentidos, coordenados pelo fluir do querer, quando assumido pelo corpo físico, constitui o que podemos chamar de corporeidade, potencializando as funções do corpo para além de seu limite físico e biológico.

É como se o corpo adquirisse extensões de percepção que vão muito além de seus membros. (...) E o ato de ver, para Merleau-Ponty é mais do que enxergar: É perceber e sentir o calor de um cachimbo segurado pela mão do fumante. Kazuo Owno, um dos criadores da dança Butô, nos ensina a ver com o corpo. Os olhos não devem apenas enxergar o mundo exterior, mas também o próprio corpo. Para isso, “é preciso que os olhos estejam em toda parte do corpo, até nas solas dos pés” (GREINER, p.148, 2003).

Enxergar com o corpo vai muito mais do que ver, no sentido de visão da imagem material, é como ter consciência aguçada dos sentidos em cada pedaço de si. Devido a grande complexidade do sistema nervoso, o homem consegue até imaginar percepções que não existem. Pertencemos à espécie mais apta a conhecer sentimentos profundos como o medo, a angústia, a inquietação e o terror: O pensamento precisa de uma estrutura corpórea e racional para existir.

Marc Augé, etnólogo e antropólogo francês, apresenta em seu livro Não

---

Lugares, publicado em 1955, a ideia do *não-lugar*: um espaço transitório e sem delimitação, um espaço de passagem. O termo surge junto à supermodernidade, esta figura de excesso que dialoga com a ebulição dos acontecimentos contemporâneos onde tudo acontece a todo momento.

## 2.2 A OCUPAÇÃO DOS NÃO-LUGARES

Com a chegada da urbanização ferrenha e a mídia, essa sintonia e espaço corporal tem sofrido um severo desgaste: por um lado sinais da agonia, por outro a falência nas relações entre corpo e natureza. A sociedade está cheia de aparatos para satisfazer esses anseios com o sistema de comunicação midiática. São exemplos os celulares e, principalmente, a internet, onde não existe mais uma delimitação clara e precisa entre o público e o privado. É o território urbano que ultrapassa a geografia numa tentativa de extensão até atingir as dimensões do sistema midiático. Greiner, professora da PUC, jornalista e pesquisadora, já citada anteriormente, vem trazer à tona o conceito dos não-lugares sob a ótica da transição de uma comunicação e exposições físicas para o meio virtual.

Não mais a extensão física como bengala (as cidades dormitórios não seriam, de fato, uma espécie de bengala para as metrópoles que não conseguiram cumprir totalmente suas funções urbanísticas e, por isso, precisaram estenderem-se para além de sua territorialidade?), não mais extensão perceptiva que o carro oferece ao motorista, mas a extensão midiática invisível, incontrolável, de inusitado poder alastrante. Trata-se da conquista do “não-lugar”. A internet possibilita a construção de uma grande praça de conexões, condensada dentro dos limites físicos da caixa do computador. (GREINER, p. 150, 2003).

A existência do corpo no universo virtual concretiza a conquista desses não-lugares. A problematização é: o corpo material não acompanha fisicamente este procedimento e acaba perdendo-se numa atemporalidade das ficções. Dessa forma, a percepção ambiental começa a entrar num processo de definhamento, impulsionado pela contemporaneidade que cria cada vez mais espaços anônimos, o corpo não consegue se posicionar em nenhum papel, se extingue neste limbo simulatório do ciberespaço. A

---

sociedade midiática é manipulada pela sobreposição de informações, a partir de procedimentos de sedução em massa e apelos eróticos dentro de um universo imagético de pessoas, as expectativas individuais se confundem num objetivo coletivo onde se mantém uma silenciosa cumplicidade de conexões.

Nossa consciência do corpo se dá por uma coleção de imagens que nós fazemos do nosso próprio corpo, em verdade nossa percepção visual pode alcançar até 1/3 da sua dimensão real. Porém se analisarmos essa percepção no dia a dia concluiremos que pouco olhamos para nós mesmos durante os dias, de fato conhecemos mais e melhor a dimensão do corpo do outro.

Ainda sobre a estrutura das imagens que rege o nosso corpo, a nossa própria existência e a morte. Nem a cena do nascimento, nosso desgrudamento da baba do líquido amniótico, nem a morte, podem de fato, ser apreendidos e percebidos pelo nosso corpo. Somado à nossa incapacidade de enxergar o próprio corpo, podemos dizer que ele é a existência paradoxalmente mais distante de nosso próprio ser, daquilo que temos uma vaga impressão e sobre o qual construímos uma anatomia de especulações, muitas vezes aplicando algoritmos colhidos por meio da vivência. (GREINER, p. 157, 2003).

O que Greiner vem nos dizer é que somos estrangeiros em nosso próprio corpo-território, ele se torna produto de especulações e veículo de mito e por isso muito vulnerável às seduções externas, ao processo midiático e virtual. Hélio Oiticica, um dos maiores artistas e performances brasileiros da história da arte nascido nos anos 30, objetivava acabar conscientemente com as estruturas de significado para se chegar no estado que ele chamava de “invenção pura”.

Com o advento da internet e o alto crescimento de acesso às mídias e meios digitais, o corpo começa uma nova relação: a relação com o ciberespaço. É possível expressar a existência, esta “viagem” subjetiva, dentro da rede? O compartilhamento é mais fácil que a criação. Dentro da sociedade midiática temos como transformar parte de nossa consciência do corpo em matéria virtual, posso compartilhá-lo em modo público e esperar reações e intercomunicações dessa sociedade. Em contrapartida, as

---

relações entre dois corpos diferentes começam a ser desprezadas: devido o grande suporte digital a carência de afetos e a dissolução de nossos sentidos são enfatizados, a nossa consciência corporal é colocada sempre em segundo plano.

O ciberespaço é uma dimensão normalmente entendida como distante do corpo físico, um fluxo de tempo, espaço produzido por um fluxo de informações virtuais. Um caminho ou expectativa é que esses fluxos virtuais encontrem o fluxo do corpo orgânico. (...) A própria individualidade deve ser encarada também com novos formatos, uma nova proposta de um “eu cibernético”. (GREINER, p.148. 2003).

A fragmentação do corpo nesse fluxo de informações cibernéticas transforma nossa identidade em um objeto que se aproxima do ficcional. Enquadrada em fotos e perfis, ela toma a configuração que quiser e não mais a sensível. Não (re)conhecemos uns aos outros através do corpo e nos distanciamos com maior veemência da verdadeira empatia. Nos tempos modernos, caminhamos rumo aos temidos relacionamentos virtuais.

### **2.3 AS REDES DE RELACIONAMENTO**

O mundo mudou, as pessoas mudaram, assim como a forma como nos relacionamos uns com os outros. O desenvolvimento de novas tecnologias tem nos conectado com maior eficiência. Os cientistas do século XXI nos permitiram expandir as possibilidades em muitos pontos, inclusive nos quesitos de conexão e interação. Hoje não temos mais acesso apenas ao envio de mensagens de textos. Agora também enviamos áudios, fotos e vídeos.

O ponto de reflexão deste tópico é a forma como se dá a construção de um perfil virtual. Para isso, escolhemos como plataformas de análise o *Tinder*, responsável por facilitar a interação entre pessoas que buscam relacionamentos e possuam interesses mútuos, sendo ele um aplicativo gratuito que vem ganhando cada vez mais adeptos; e o

*Instagram*, rede social com maior alcance de usuários, utilizada para o compartilhamento de imagens e vídeos com os seguidores.

Figura 1: usuários da rede de relacionamentos *Tinder* sendo compatíveis através da exibição do *match*.



Fonte: <<https://goo.gl/vF8trb>>.

O que as duas redes sociais escolhidas para este estudo têm comum? Ambas centralizam toda a construção do eu em um enquadramento pertencente à busca por aceitação, traduzida pela quantidade de curtidas alcançadas (no caso do Instagram) ou pelo número de *matches* (no caso do Tinder, significa que uma pessoa curtiu a outra e esta correspondeu curtindo de volta, sendo que ambas só tomam conhecimento do interesse em seu perfil por outrem quando ele é mútuo - conforme figura 1). A representação digital do eu é sustentada por cortes na imagem, correções de brilho e contraste, assim como filtros de diversas nuances que, muitas vezes, acabam transpassando uma sensação surreal em uma representação imagética do real que atrai.

O *Tinder* limita a quantidade de fotos dos usuários, possibilitando aos mesmos a exposição de apenas cinco imagens. Contudo, permite que eles integrem sua conta ao *instagram* que, por sua vez, estende o poder de interação do público com os seus seguidores. Na rede social, é possível, além de um limite infindável de publicações no perfil, gravar vídeos ao vivo, bem como fazer com que eles permaneçam por um período de 24 horas disponíveis para visualização.

Figura 2: resultado da utilização dos efeitos do *instagram* por uma usuária da rede.



Fonte: <<https://goo.gl/x7wZ6X>>.

No mundo virtual, real e imaginário se confundem. Os usuários cada vez mais seguem a tendência dos filtros, utilizados para modificar o real, construindo um eu diferente do que ele realmente é em busca de aprovação (conforme figura 2). Em rede, lidamos constantemente com aplicativos (em exemplo o *instagram*) que, mesmo na utilização de imagens representativas da realidade, ajudam a construir um cenário fictício, editável onde, por diversas vezes, deixamos de nos questionar sobre até que ponto o que está sendo exposto foi editado.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho nos possibilita uma análise acerca da semiótica, do existencialismo e do corpo sob prismas da comunicação. Com enfoque nos processos subjetivos e cognitivos, o presente artigo amplia, debate e destrincha pensamentos de importantes pesquisadores e escritores da área e daqueles que vão para além dela, como o Goffman. Também nos possibilita uma reflexão sobre como se dá o nosso entendimento acerca de nós mesmos.

A forma como estamos presentes, ou melhor, como escolhemos nos apresentar perante os outros revela quem somos, ao mesmo tempo que esconde nossas verdadeiras identidades. Nossos relacionamentos surgem cada vez mais através da forma como interagimos nas plataformas virtuais, o que tem nos transformado em seres preocupados em manter um eu cada vez mais parecido com o modelo que acreditamos ser ideal e aceito por nossa comunidade virtual, ou pela que desejamos pertencer.

A resposta para o *quem sou eu*, por vezes, se perde na velocidade em que os padrões de aceitação em rede vão sofrendo suas mudanças, quase sempre rápidas demais para serem acompanhadas. Por se tratar de um tema atual, faz-se necessária a continuidade do presente trabalho, bem como a análise de conteúdos que estão surgindo na área para o enriquecimento deste estudo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Editora 34. São Paulo, 2008.

GREINER, Christine. *Leituras do Corpo*. Annablume. São Paulo, 2003.

GOFFMAN, Erving. *A representação do Eu na Vida Cotidiana*, 17ª edição. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2006.

NETTO, José Teixeira Coelho. *Semiótica, informação e comunicação*. Perspectiva. São

Paulo, 2003.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1990.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Papirus. São Paulo, 1994.